

ACERVO DIGITAL FUNDAJ

O eclipse do patriotismo

Fundação Joaquim Nabuco

www.fundaj.gov.br

AB -

082.1
N117.2
A2N/F

A APPARECER :

Eleições fraudulentas e eleições livres

A justiça das urnas

O respeito á propriedade

Porque continuamos a ser conservador

O paiz real

O eclipse do patriotismo

Prosigamos no arduo empenho...

A palavra de um homem que se constituiu chefe de propaganda, cujas idéas têm pèzo na opinião, de um homem que reúne em torno de si a confiança — as sympathias — de uma parte da nação, é para ser ouvida, e afinal contestada ou aceita, conforme suas convicções, seu modo de enunciar-se.

E' o nosso caso.

O Sr. Joaquim Nabuco, no segundo « opusculo » que deu á publicidade, exhaure forças para mostrar que estamos em eclipse abolicionista, eclipse não sabemos se total ou parcial. O escriptor pelo menos não nos diz.

Isto que póde parecer um sarcasmo, uma ironia pungente, um protesto, é simplesmente um facto, mas um facto que nos honra, a nós conservadores, que succedemos no governo do paiz a homens que não olhavam meios para chegar a seus fins, que comprometteram tudo — á começar pela idéa que exposaram e a acabar na lei, cuja magestade e pureza não souberam zelar.

Mas, peor que o eclipse abolicionista é o eclipse do patriotismo, infelizmente quasi total para as phalanges que movem-se á voz do chefe, acompanhão-n'o em suas victorias e em seus infortunios.

Por isso tambem voltamos á arena, e lavramos solemne desmæzido ao que diz a « Propaganda liberal » com referencia aos nossos amigos e á sua attitude em face do grande problema.

Ouçam-nos com calma todos quantos se interessam pela causa do paiz, e comprehendem bem a gravidade das circumstancias.



Que a agitação abolicionista cessou de uma vez, ou hade ter pelo menos um longo interregno, é facto que todos observam desde que mudou-se a situação.

E, pois, não é preciso que o Sr. Barão de Cotegipe *o insinue junto do Imperador*, nem que se esteja a repetir como se fosse uma novidade.

Mas que explicação tem o acontecimento, e que consequencias poderão d'ahi decorrer, já, ou n'um futuro proximo?

A explicação é só esta. O movimento tinha um fim—illudir o paiz, angariar as boas graças do governo. O poder n'esta terra, como em toda a parte do mundo, alimenta-se tambem da lisonja, do bafejo popular, e nunca estas duas forças exploraram tanto a fraqueza dos homens, o amor proprio de um governo, como na situação liberal, no ministerio Dantas. E conseguiu os seus fins. Mais alguns dias que durasse aquelle gabinete, mais uma semana de situação liberal, e a questão do elemento servil ficava resolvida, quer quizessem, quer não. Embora « sobre a ruina da propriedade, sobre a miseria publica, sobre o descalabro social, » como se exprimia J. de Alencar, apostrophando—n'aquella occasião, sem motivo— o ministerio 7 de Março. Mudada a situação, conheceram que se ia restabelecer o imperio da lei, tranquillisar o espirito publico, e então.... o enthusiasmo arrefeceu, a prudencia até certo ponto inspirou os demagôgos, e se estamos ainda em eclypse de patriotismo, porque não é enfermidade que se cure de um dia para outro, temos fé que a luz da razão hade afinal penetrar nas consciencias endurecidas, operar verdadeiros milagres.

As consequencias são faceis de comprehender. Desde que não haja agitação, não haja imprudencias, ninguem esteja fóra da lei, o paiz hade caminhar desassombrado e certo de attingir seus gloriosos destinos!

Precisavamos sómente de homens, e eis-os ahi, resolutos no empenho de salvarem o paiz, de repararem o erro, as desgraças de um longo estadio. Queriamos um governo forte, moralisado, conhecedor de seus deveres, e o gabinete de 20 de Agosto reúne todas estas condições.

O eclipse do abolicionismo, como entende o Sr. Nabuco, compromette sómente os seus amigos, o partido que elles representam no paiz. Revellaria em todo caso uma contradicção ou falta absoluta de amor patrio. Nós provaremos que ambas as cousas.

Revella contradicção, porquanto affirmavam que haviam de proseguir na mesma senda, ainda com sacrificio das proprias vidas, e deixam o posto de combate só porque o governo passou para os conservadores, homens experimentados, amigos da ordem e da legalidade! calam-se, agora justamente que pelas circumstancias especiaes da nossa politica, a voz dos abolicionistas devia echoar por toda a vastidão do imperio.

Denota falta de dever civico, porque o amor da patria se não inspirou-os quando eram assomados e injustos, que os inspirasse ao menos quando a idéa tende a caminhar, e os homens que estão no poder affastam-se em tantos pontos do idéal democratico, do radicalismo abolicionista !



Que prevenções mostra o escriptor liberal pelo Sr. Ramalho Ortigão, um estrangeiro illustre, quasi nosso conterraneo, e a quem devemos mais de um serviço á causa do paiz. Pois é de brasileiro, de liberal, de um espirito superior levar a questão de nacionalidade para um terreno tão odioso, dizer — « que nesse homem trabalhador, illustrado e probo encarnou a lavoura, em uma grande crise, o espirito de resistencia de uma sociedade toda ! que as classes conservadoras e dirigentes do paiz moveram-se á inspiração de um estrangeiro ! »

Quanto « á execução da lei de Lynch, e ao fogo e pedras calcinadas, vomitados pelo Club do Commercio e da Lavoura contra o Imperador », é simplesmente uma inverdade, e nós podíamos retaliar dizendo—que essas pedras e esse fogo são hoje arremessados pelo partido abolicionista contra todos os bons cidadãos, os que esperam resolver a questão sem abalos nem violencias de nenhuma ordem.

Mas que estupendo milagre operou-se, com effeito, no paiz, de modo a « fazer parar e retroceder o movimento que libertou o Ceará e o Amazonas e desapparecer da imprensa Clarkson, Grey » e tantos outros escriptores abolicionistas ?

Por violencias ou ameaças com certeza não deixaram elles o posto em que se mantiveram durante longos mezes. Logo foi por fraqueza, ou por conhecerem que estavam em terreno falso. Se outros são os motivos, então fallem, sejam leaes e francos diante do paiz. Nós temos o direito de inquerir das razões, saber por que quebraram a penna e emmudeceram.

A causa abolicionista, como todos os pleitos de uma nação, tem e não pôde deixar de ter adeptos entusiastas, fervorosos crentes. Sem um motivo forte, nenhum d'elles deve retrahir-se, excusar-se ao cumprimento dos seus deveres.

Entretanto, os homens que mais se esforçaram no gabinete Dantas para fazer triumphar o programma governamental, os valentes paladinos que na imprensa se bateram com um ardor desusado, não são mais encontrados nos pontos elevados d'onde fallavam á patria e á humanidade, d'onde esperavam ver raiar o sol da abolição !

A explicação já nós demos, e com ella fazemos justiça aos denodados campeões.



Uma triste verdade está hoje na consciencia de todos. A propaganda abolicionista, desde que se agitou no paiz, principalmente na capital do imperio, deu lugar a muita especulação, e a muitos excessos. Se o patriotismo inspirasse melhor os estrenuos defensores da

mais bella das causas, se a authoridade cumprisse com o seu dever, certo que não chegaríamos ao extremo a que chegámos.

Dizemos isto de coração, na maior-bôa fé, com o interesse que nos inspira uma causa que tambem é nossa, que nós esposámos mesmo antes de se manifestarem aquelles que não querem admittir no partido conservador homens de idéas sãs e adiantadas. Fallamos assim sem o intuito de ferir nem magoar a ninguem, só na idéa de restabelecer a exactidão dos factos, facilitar a tarefa do historiador.

Mas o facto é este. A' sombra da idéa abolicionista muito erro se commetteu, muita imprudencia houve, muito escandalo ficou impune.

Não foi das menores faltas o abuso da palavra nas "matinéés" dos domingos e a linguagem licenciosa dos jornaes, tanto nas horas agitadas, como nos dias mais calmos do pleito.

Era bello de ver-se a imponente assembléa que ia ouvir os oradores abolicionistas e mais bello ainda contemplar-se o enthusiasmo — o ardor — com que todos fallavam, o tom de convicção que imprimiam aos seus discursos.

Mas que tendencia a nossa de discutir aggreddindo, de analysar offendendo, de responder retaliando! Que erro funesto não buscar as origens do mal, e só estudal-o superficialmente, á luz baça das paixões do momento!

Pois não era melhor que nessas frequentes reuniões em que se acotovelavam homens de todas as classes e hyerarchias, cidadãos, não deste nem daquelle partido, mas de todos os partidos, pois não era melhor que agitassem — embora — a questão, mas salvando os escrúpulos alheios, buscando resolvel-a sem recriminações, sem ameaças, sem offensas a ninguem, ferindo-a bem no amago — se quizessem —, mas sem desconhecere[m] intuitos nobres e patrioticos no Imperador, no governo, nos adversarios de todos os matizes!

Não fizeram isto, e nós traduzimos este facto como um eclipse de patriotismo, um desvio da razão.

Quando foi que ao racciocínio claro e fácil conveio antepôr o sophisma! á calma dos julgadores prudentes uma soffreguidão estranha — capaz por si só de alienar o respeito e a sympathia! á linguagem franca e commedida assomos de indignação e de colera! “*Tu te agastas*, dizia o outro, *logo não tens razão.*” E este conceito applica-se perfeitamente aos nossos adversarios.



Perguntavamos ainda ha pouco porque o silencio, o desanimo em tôrno da gloriosa bandeira, e a resposta nol'a dá o chefe da propaganda. Ouçamol-o por momentos.

.....

• Vê-se no paiz o cansaço que succede a um esforço superior á elasticidade do organismo, á concentração dos espiritos em uma obra de desinteresse.

• Dous annos, ou tres, de Abolicionismo, isto é, de preocupação da propria dignidade, parecem ter gasto a reserva moral da nação, a sua capacidade de resentir.

Eis como se rende homenagem ao character nacional, e se avalia o patriotismo, os sentimentos de todos nós!

Mas, não! • A face do paiz não descora em sua pallidez cachetica. Não é isto que pôde explicar o phenomeno observado pelo autor do «opusculo».

A causa é outra, mais natural e mais digna. A agitação esfriou, porque «*fez-se a luz*» sobre os acontecimentos. Os excessos foram contidos, porque afinal conheceram que no andar em que iam só faziam prejudicar a idéa, compromettel-a de instante á instante.



AJN
F
326.8
N 117 E

32 (81)

326.8

32. (NABUCCO, J.)

A consciencia de cada um precisa em altos brados protestar contra a injuria tantas vezes atirada — de sermos um povo «sem dignidade, sem estimulos, sem coração!

A victima illustre de tanto rancor e prevenção — o povo—deve sacudir a tutella que se lhe quer impôr, e mostrar-se na altura de seus sentimentos christãos, de seu espirito civilizador e humanitario!

Sobretudo o que convem é acabar de uma vez com os ataques á Pessoa Irresponsavel, não attribuir ao Imperador actos que escapam á sua acção e ingerencia, intenções que a ninguem é dado perscrutar. Só neste paiz se toleraria que o Chefe do Estado, a Familia Imperial, fossem alvo de quanto despeito, de quanta inveja, de quanta injustiça por ahi se accumulam, com risco para a Instituição, e sem a minima vantagem para os partidos!

Nas velhas nações Européas, mesmo na livre America, o abuso de imprensa é severamente punido, desenvolvendo-se por parte dos executores da lei toda a actividade no proposito de reprimirem o mal.

Entre nós, diz-se tudo quanto se quer, escreve-se o que inspiram o odio — as paixões mal dirigidas— contra o Soberano, contra os governos, contra os cidadãos merecedores de todo o respeito, de toda a estima, e quando as consequencias do erro fazem-se sentir, ouve-se um clamor surdo, um protesto, que parece duvidar do acontecimento, quando aliás elle estava previsto; era corollario de outros, tão acorçoados e applaudidos! Antes e depois clama-se em vão, o crime campêa arrogante, a lei fica velada, á espera de maiores ultrajes, de novas provocações!



Insinúa a « Propaganda liberal » que o Imperador estimaria que a posteridade esquecesse a escravidão entre os factos menores do seu reinado.»

Mas que engano! E' justamente sob este ponto de vista, que o futuro biographo do Sr. D. Pedro II poderá melhar exaltal-o.

Quem não conhece os intuitos do Imperador com relação ao trafico e á propria abolição no paiz? quem mais põe em duvida a parte muito directa que teve o Imperador na confecção da lei «Rio Branco», a «lei aurea», como ainda a chamam?

E a liberdade ha longos annos concedida aos escravos de suas fazendas? e os actos de philantropia que enchem as paginas todas do seu reinado?

E' curioso o que o «opusculo» confessando «as insistencias do Imperador com os ministerios do 1º decennio para a abolição do trafico, do 3º decennio para a libertação dos nascituros e do 4º para medidas complementares», insista em dizer que «quanto Elle fez é nada ao lado do que podia ter feito, se a observação das senzalas lhe causásse o mesmo interesse que por exemplo a contemplação do céu.»

Tanto mais é para doer esta injustiça quando é o proprio Sr. Nabuco quem reconhece que de 1840 até bem proximamente a idéa abolicionista tinha despondado em muito poucas consciencias.

Sim! o pensamento generoso de acabar com a escravidão agitou n'outras epocas alguns espiritos; mais tarde o partido conservador exposou-o com as devidas cautelas, extinguindo o trafico, e decretando em 1871 a liberdade do ventre e outras medidas de grande alcance; ultimamente novas providencias foram tomadas. Mas ainda assim, pôde-se dizer que é uma reforma de hontem, e que o tempo decorrido não foi bastante para o fim almejado.

Como, pois, querer precipital-a, extranhar a prudencia — os escrupulos — de que se mostraram por vezes possuidos os nossos homens d'Estado, de um e de outro partido, quanto aos meios de resolver tão delicado problema! Uma reforma que n'outros paizes prendeu por dezenas de annos o espirito publico e a attenção dos legisladores, que na America do Norte deu lugar a scenas tão commoventes, ao derramamento de tanto sangue, se havia de fazer entre nós sem os necessarios cuidados, no meio da vozeria das ruas, das ameaças dos jornaes e da tribuna!

Para se avaliar bem a grandeza do assumpto, e como são impertinentes as arguições levantadas contra o partido conservador e quantos parecem affastar-se da famosa propaganda, basta lembrar a discussão havida em 1871, quando se tratou de resolver sobre as medidas que mais tarde foram convertidas em lei. Se fosse uma questão simplissima, só da boa razão e do sentimento do legislador, não se comprehende que intelligencias superiores, talentos de primeira ordem, espiritos praticos, se afadigassem tanto em combater as vistas do governo, e prophetisar tantos males, tantas ruínas para a nossa Patria !

Elles felizmente não tinham razão. Para nós é immorredoura a gloria do Visconde do Rio Branco e de seus companheiros de gabinete, não só porque tiveram a coragem, a energia necessaria de fazer vingar o que entendiam ser uma obra patriotica e humanitaria, como arcaram e souberam vencer a mais forte opposição de que ha exemplo no parlamento brasileiro ; forte pelo numero, pelos talentos, pela illustração, pela tenacidade enfim !

Pois foram esses homens, tambem justos e patriotas, tambem cheios de responsabilidade perante os contemporaneos e perante a historia, que ainda hontem divergiam tanto de nós, e mostravam-se desinquiets, atemorizados com as idéas do governo.

J. de Alencar, por exemplo, imaginava que a reforma do governo ia provocar no dia seguinte a desordem, a revolução, e atemorizava a camara com aquellas celebres palavras: « lembra-te do que te advirto. » « Remember what I wan thee. »

Outro deputado, não menos notavel, exclamava : « Oh ! senhores, isto excede os limites da imprevidencia e da temeridade. »

Pois bem ! São decorridos apenas 15 annos. A primeira reforma de 28 de Setembro ainda não deu todos os seus fructos. A situação que legou-nos um tal monumento legislativo foi mudada. Os liberaes, que esterilizaram o tempo com retaliações e verdadeiras questiunculas, nunca puderam cuidar do assumpto. Como é que de um momento para outro, n'um periodo bastante

curto, se pretendeu resolver tudo, custasse o que custasse ! Se não foi para Inglez ver, foi de certo uma temeridade !

Hoje aquelles illustres dissidentes pensam de modo diverso, hoje fazem justiça aos legisladores de 1871, áquella honrada maioria que combateram. Mas isto ao mesmo tempo mostra que o assumpto é grave, da ordem dos que se não resolvem só pelo lado do sentimento e das paixões ; e que do tempo ha tudo á esperar, do tempo e da reflexão.

Nada, portanto, mais temerario e mais injusto do que fazer crer que alguns annos de espera constituem um crime, uma nódoa indelevel na solução do problema abolicionista, e que são escravocratas — homens sem consciencia, sem patriotismo, sem respeito á Deus e á humanidade — todos quantos combatiam o ministerio Dantas, e estão hoje de acôrdo perfeito com o programma do governo !



Se os *opusculos* do Sr. Nabuco foram lidos por muita gente, elle pôde gabar-se da extrema delicadeza ou do apurado criterio dos nossos homens, em deixarem passar impunes, sem um protesto mais significativo, ataques directos á nossa honra, ao character de tantas classes respeitaveis. Temos, para exemplo, *este pedacinho de ouro*, primôr de urbanidade e de isenção de animo :

« Elle (o Imperador) sabe que o jury chegou em tudo que respeita a escravos ao ultimo grão da abjecção, tornando-se o auxiliar dos Lynchadores, e que o seu Ministerio, o seu Senado, a sua Camara de Deputados, o seu Conselho de Estado, a sua Aristocracia, as suas Faculdades de Direito, a sua Magistratura, o seu Clero, a sua Policia, constituem juntos e com Elle mesmo um como Sacerdocio Egypcio da escravidão, um carcere hierarchico em que os escravos são sepultados vivos. »

Mas o *opusculo* se esquece que esse tribunal que chegou ao ultimo grão da abjecção por causa dos escravos, absolveu tambem o réu confesso de dous homicidios, o incendiario do Monte-Pio e o estellionatario de uma

Companhia de Seguros, sendo que mais de um abolicionista influio com o seu voto para essas decisões ! Mas o Sr. Nabuco não se lembra que os ministerios liberaes, excepção do gabinete Dantas, estão incursos na mesma falta que nos increpa ; que a camara dos deputados foi durante sete annos de seus amigos ; que o Conselho de Estado conta em seu seio muitos chefes liberaes ; finalmente, que na chamada Aristocracia, na Magistratura, no Clero, no Magisterio superior ha um grande numero de representantes da escola adversa á nossa. Se é isto verdade, porque nos accusa, nos fêre tão sem razão ?

« A agitação abolicionista é o grito vibrante, eterno e sempre doloridamente compassivo do Abel Brasileiro, e que serviço podia o partido conservador prestar igual ao de abafar esse grito quando elle começava a ser ouvido no mundo ! »

Como o escriptor liberal se illude ! Esse grito, se alguma vez repercutio, não foi do Abel Brasileiro, mas do coração angustiado da Patria mostrando o filho deshumano, o falso apostolo, a despedaçar a tunica dos juizes, a quebrar as taboas da lei, a ferir caracteres puros, reputações illibadas, a impôr silencio á razão, a pregar a revolta contra os máos e os ignorantes, a nos apontar emfim como um povo barbaro, sem o mais brando sentimento da compaixão e da justiça !

E o que fez o partido conservador foi, não só abafar esse grito — para esconder uma immensa vergonha que se reflectia sobre a consciencia perturbada do agitador, mas igualmente restabelecer o imperio da lei, dar o exemplo da *abnegação* — *do desinteresse* — no seio da anarchia, affastar a questão do meio das ruas para o recinto do parlamento. Se não foi acertado o alvitre, a opinião que nos julgue.



Pêza sobre os conservadores uma accusação que deve uma vez por todas ficar esmagada. A accusação de que nós somos escravocratas !

Mas isto, ou é uma *chapa*, um *palavrão*, só para produzir effeito, ou então o libello é ao mesmo tempo inepto e injurioso.

Inepto, porque atira sem provas nem sizudez, uma accusação desta ordem, e com surpresa do paiz, que pensa de modo diverso; com a solemne reprovação de todas as consciencias honestas.

Injurioso, porque só a paixão, os assomos do despeito, as explosões do odio, podiam emprestar ao partido conservador semelhantes tendencias! Entre não querer attentados á propriedade, imprudencias que só servem para comprometter e demorar a solução de uma reforma destas, e ser escravocrata, um homem retrogado, um espirito em trevas, ha simplesmente o abysmo! Quanto mais que o partido que está no poder, por innumeros actos que a legislação patria com orgulho registra e a memoria dos contemporaneos ainda não esqueceu, tem sido nesta questão como em todas as mais que enchem os periodos de sua passagem pelo governo, uma garantia e uma esperança, uma força e um remedio para grandes males!

Nesta parte ao menos o conselheiro Ruy Barbosa foi mais justo. Este illustre cidadão, tambem liberal e abolicionista, confessa, n'um brilhante parecer que apresentou á camara dos deputados, « ter o partido conservador duas vezes cumprido o seu dever, já realisando a extincção do trafico, já decretando a liberdade do ventre. »

E a accusação vai mais longe — ella parece involver em suas malhas os conservadores abolicionistas que hontem apoiavam o ministerio Dantas, e hoje estão com o Sr. Cotegipe. “ O exemplo dessa defecção, diz o opusculo, começou na camara com os abolicionistas Cearenses ! ”

E' o requinte da parcialidade e da injustiça ! Elles, os illustres representantes da idéa conservadora nessa provincia, que respondam á provocação. Nós apenas lavramos um protesto, e perguntamos que *tolerancia* é esta, e se é possivel mais sem razão, menos serenidade de animo n'um escriptor que se arvora em juiz, em tribunal que deve julgar, não o individuo, mas uma

nacionalidade inteira! Ah! com certeza que falta ao Sr. Joaquim Nabuco aquella qualidade de que fallava F. Octaviano, pranteando a morte do senador mineiro, qualidade que segundo elle eleva e salva as nações — o *apreço dos grandes caracteres, o amor das virtudes civicas!*



O “opusculo” faz um appello aos “espiritos liberaes que o partido conservador tenha em seu seio, sobretudo aos representantes de provincias onde o abolicionismo tem feito maiores conquistas.” E accrescenta “que o principal appello em todo o caso deve ser ao Imperador porque o ministerio é d’Elle, o partido conservador tambem é d’Elle.”

Eis ahi. O ideal conservador entre nós “é a estagnação no embrutecimento, o rancor no exclusivismo, o silencio na corrupção,” e para o partido conservador se volta agora o chefe abolicionista! O imperador “é o culpado de tudo, porque só pensa em dar arrhas á escravidão e em reconciliar-se publicamente com ella,” e o Imperador é nestes momentos a suprema esperança da seita. Elle resume todas as vontades e todas as energias. Do throno hade vir o conforto, a vida, o grito de reunir a familia abolicionista — infelizmente dispersa e sem norte. A contradicção é patente



Quando a injustiça toca ao auge, quando fica-se tomado de pasmo e de indignação, é nestas palavras que vamos textualmente reproduzir:

«As estatuas Imperiaes eram em Roma refugio para os escravos, como os altares das Egrejas. No Brasil o throno está completamente isolado, n’uma eminencia nua e deserta. O escravo Brasileiro, nos pensamentos que precedem o suicidio, acharia mais facil chegar a nado ao navio estrangeiro que elle descobre no alto-mar, do que subir aquella montanha inaccessivel d’onde ninguem o avista.»

E a penna que traçou tanta inverdade não tremeu, não resvallou aos primeiros desabafos! E a consciencia que mostrou-se tão severa, tão pouco escrupulosa, se

offerece ainda para ser a vingadora de uma raça, o ponto culminante de um generoso pensamento ! E o coração que se abriu para derramar tanto fel é o mesmo que insinúa brandura e docilidade, devotamento pelas causas justas !

Tudo isto afinal o que revella é falta de patriotismo, ausencia absoluta do que nós chamamos dever cívico ! Tudo isto o que está indicando é a necessidade de educar-se os nossos partidos, estabelecer-se as normas de uma politica larga e generosa, ensinar-se a ser patriota e legislador sem mesmo os incentivos da gloria, as acclamações da praça publica ! Houvesse da parte do Sr. Nabuco certa isempção de animo, se inspirasse elle nos sentimentos, nos intuitos patrioticos de um verdadeiro reformador, não se contaminasse o seu espirito como o de tantos pelas paixões ruins, os resentimentos concentrados, os ciúmes de toda a especie, e certamente que o seu procedimento seria outro, sua linguagem desferiria tons mais brandos e mais persuasivos.

×

Mas o eclypse do patriotismo tem durado de mais. «E' preciso sacudir esse torpôr,» inocular sangue novo nas arterias sociaes.

Dous caminhos se offerecem áquelles que de boa fé, de animo desprevenido, quizeram mostrar-se na altura das circumstancias, dar provas de patriotismo, de desinteresse, de zelo pela causa do paiz.

Um leva-nos ao silencio do gabinete—lá onde o estudo e a reflexão podem bem aconselhar-nos em mais de uma emergencia. Outro conduz-nos ao altar da Patria. Ahi—no dizer de Erasmo--«devem todos pôr em commum os seus erros e as suas virtudes, para remir aquelles e fortalecer estas.»

Se o chefe abolicionista accudisse a este appello, que exemplo edificante, e que doces confortos para a sua alma.

UM PATRIOTA

Arthur Cesari
Abil